Ao Reverendo Padre **Joachim REGO** C.P.
Superior Geral
Congregação da Paixão de Jesus Cristo (Passionistas)

As celebrações jubilares do terceiro centenário da vossa Congregação oferecem-me a oportunidade de me unir espiritualmente à vossa alegria pelo dom da vocação que recebestes de viver e proclamar a memória da Paixão de Cristo, fazendo do mistério pascal o centro da vossa vida (cf. *Constituições*, 64). O vosso carisma, tal como todo o carisma da vida consagrada, é irradiação do amor salvífico que brota do mistério trinitário, revela-se no amor do Crucificado (cf. Exort. Ap. *Vita consecrata*, 17-19.23), derrama-se sobre a pessoa escolhida pela providência e se estende a uma comunidade concreta, para se implantar na Igreja como resposta às necessidades particulares da história. Para que o carisma perdure no tempo, é preciso que se adapte às novas necessidades, mantendo vivo o poder criativo dos primeiros tempos.

Este importante centenário representa uma oportunidade providencial para que possais caminhar rumo a novos objetivos apostólicos, sem ceder à tentação de «deixar as coisas como estão» (Exort. Ap. *Evangelii gaudium*, 25). O contacto com a Palavra de Deus na oração e a leitura dos sinais dos tempos nos acontecimentos quotidianos, vos tornarão capazes de perceber o sopro criativo do Espírito, que alenta no tempo, apontando respostas às expetativas da humanidade: hoje já ninguém deixará de se aperceber que vivemos num mundo onde já nada é como antes.

A humanidade encontra-se numa espiral de mudanças, que interpela não só o valor das correntes culturais que até agora a enriqueceram, mas também a constituição íntima do seu ser. A natureza e o cosmos, submetidos ao

sofrimento e à caducidade das manipulações humanas (cf. *Rm* 8, 20), assumem preocupantes rasgos degenerativos. Também a vós vos é pedido que encontreis novos estilos de vida e nova linguagem para anunciar o amor do Crucificado, testemunhando deste modo o coração da vossa identidade.

A este respeito, tenho conhecimento de que as vossas recentes reflexões capitulares vos levaram ao compromisso de renovação da missão, centrando-vos em três aspetos: gratidão, profecia e esperança. A gratidão é a experiência de viver o passado na mesma atitude do *Magnificat* e caminhar rumo ao futuro numa atitude eucarística. A vossa gratidão é fruto da *memoria passionis*. Aquele que vive imerso na contemplação e se dedica ao anúncio do amor que se entrega por nós na cruz, prolonga-se na história, sente-se realizado e a sua vida é feliz. A profecia é pensar e falar no Espírito. Isto é possível para aquele que vive a oração como alimento da alma, podendo acolher a moção do Espírito no íntimo dos corações e na totalidade da criação. Então, a palavra anunciada sempre se adapta às necessidades do presente. Que a *memoria passionis* vos converta em profetas do amor do Crucificado num mundo que está a perder o sentido do amor. A esperança é ver na semente que morre a espiga que produz ora trinta, ora sessenta ora cem por um. Trata-se de perceber que nas vossas comunidades religiosas e paroquiais, cada vez mais reduzidas, continua a ação geradora do Espírito, que garante a misericórdia do Pai, que nunca nos abandona.

A esperança é alegrar-se do que há, em vez de se queixar do que falta. Em qualquer caso, não vos deixeis «roubar a alegria evangelizadora (Exort. Ap. *Evangelii gaudium*, 83).

Espero que os membros do vosso Instituto se sintam «marcados a fogo» *ibid*., 273) pela missão enraizada na *memoria passionis*. O vosso Fundador, São Paulo da Cruz, define a Paixão de Jesus como «a maior e mais maravilhosa obra do amor de Deus (*Lettere II*, 499). Sentia que esse amor o abrasava e que teria desejado incendiar o mundo com a sua própria ação missionária e dos seus companheiros. É muito importante recordar que «a missão é uma paixão por Jesus, mas ao mesmo tempo, uma paixão pelo seu povo. Quando paramos diante de Jesus crucificado, reconhecemos todo o seu amor, que nos dignifica e sustenta, mas nesse mesmo momento, se não formos cegos, começamos a

perceber que este olhar de Jesus se dilata e dirige, cheio de afeto e ardor, a todo o seu povo. A nossa identidade não se compreende sem esta pertença» (Exort. Ap. *Evangelii gaudium*, 268).

Enquanto como Cabeça, o nosso Salvador ressuscitou e já não morre mais, no seu corpo – que misticamente é a Igreja, mas que misteriosamente é também todo o ser humano a quem, de certo modo, se uniu na Encarnação (cf. Const. Ap. *Gaudium et spes*, 22) – continua a sofrer e a morrer. Não vos canseis de reforçar o vosso compromisso em favor das necessidades da humanidade. Esta urgência missionária dirige-se principalmente aos crucificados do nosso tempo: os pobres, os débeis, os oprimidos e os descartados pelas inumeráveis formas de injustiça. O cumprimento desta tarefa requererá da vossa parte um esforço sincero de renovação interior, que deriva da relação pessoal com o Crucificado-Ressuscitado. Somente aquele que está crucificado por amor, como Jesus na cruz, é capaz de socorrer os crucificados da história com palavras e obras eficazes. Não é possível convencer os outros do amor de Deus somente através de um anúncio de palavra e informativo. Fazem falta gestos concretos que façam experimentar esse amor no nosso próprio amor, que se dá compartilhando situações de crucifixão, gastando a vida até ao fim, deixando sempre claro que entre o anúncio e o seu acolhimento na fé, está a mediação do Espírito Santo.

A Mãe do Crucificado-Ressuscitado, figura da Igreja, Virgem que escuta, ora, oferece e gera vida, é memória permanente de Jesus, especialmente da sua Paixão. A ela vos encomendo e, invocando a intercessão do vosso Fundador, São Paulo da Cruz e dos Santos e Beatos passionistas, de coração concedo a Bênção apostólica a toda a família passionista e a todos os que participem nas diversas celebrações do vosso solene jubileu.

Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

Fraternalmente.

Francisco

Roma, São João de Latrão, a 15 de outubro de 2020.